

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--24 de Março de 1932

51<sup>o</sup> ANO  
57<sup>o</sup> ANO  
TOES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

305



# sempre fixe

semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

## A resolução do problema do desemprego

(Entrevista com o poeta - matematico Nunes da Mata)



Ou moderamos já o nascimento  
Dos viventes humanos imperfeitos,  
Apurando os restantes com talento,  
De modo a serem todos bem perfeitos,  
Ou este infeliz Mundo em desalento,  
Com seus tremendos erros e defeitos,  
Afflito tombará em gemebundo  
Vil estertor maléfico iracundo!

Se a limitação, para ser feita,  
Recorrer necessita à medicina,  
Esta que avance, atenta e satisfeita,  
E que proceda enfim com disciplina,  
A esterilização tem sido aceita,  
Visto ser de uso facil sem malina;  
Porque já e a valer se não emprega,  
Da miseria evitando a cega-rega?!

Se tudo neste Mundo em barda havendo,  
Por toda a parte ha fome e desemprego,  
Quando faltar o pão em modo horrendo,  
Petroleo fumarento e seu emprego,  
Nem este nem carvão os homens tendo,  
Se não estou dormindo ou sou patêgo,  
Digam-me, sem rodeios e com franqueza,  
O que será da Terra a vã grandesa?

O POETA: - O meu processo é infallivel. O desemprego acabará. Como vê, "não estou dormindo nem sou patêgo."

O JORNALISTA: - Pois não. V. Ex.ª está tão acordado e é tão esperto, que "Mata" e esfolia, antes mesmo de nascerem, os "Viventes humanos imperfeitos"!



## Os ditos da semana



**Por amor** Uma rainha de beleza, a menina Horikowa, foi há dias caçada quando andava a caçar pratas e joias, com uma quadrilha de ladrões nos arredores de Bruun, na Checo-Eslovaquia.

Interrogada pela policia, declarou que recrutava os seus cúmplices entre os seus admiradores, ideia que foi naturalmente sugerida por qualquer apaixonado que, vendendo-se desprezado, lhe tivesse dito num profundo transe de paixão:

— Por sua causa até era capaz de roubar.

A pequena pegou-lhe na palavra e eles aí vão. Pelo caminho foram aparecendo outros admiradores e o casal inicial passou a bando e o bando a multidão.

Todos aqueles bandidos de amor andavam tal qual como a pescada que antes de ser já era, presos pelo beicinho.

Por amor tudo se faz.

Só assim se compreende que gente de bem, filhos de boas famílias e homens honrados se transformassem tão rapidamente em salteadores, de bacante aperrado para o assalto a vida e à propriedade de cada um.

Sua, porque eles iam armados.

Pudera. Naturalmente até se armavam uns aos outros.

### O ladrão e o policia

Dois garotos espanhóis, brincando ao «ladrão e o policia», tomaram os seus papeis tão a serio que um deles foi buscar a espingarda do pae e, ignorando que ela estivesse carregada, destechou-a sobre o outro, matando-o.

Não diz o telegrama que traz a noticia qual deles fazia de ladrão, mas para o caso tanto faz.

### Desarmamento

Segundo rezam as crónicas, Portugal fez um figurão na conferencia do desarmamento.

Nenhuma potencia se apresentou com mais piedosos intuitos, nem manifestou mais sinceros desejos de paz universal, embora declarando os nossos delegados que Portugal não se achava disposto a desarmar mais.

Os delegados de outros países ainda tiveram suas pretenções, procurando conseguir que alguns países metessem no fundo um certo numero

de cruzadores e sub-marinos, mas nós, sempre firmes nos nossos propositos, declaramos perentoriamente:

— Nós não podemos desarmar mais, não podemos meter mais nada no fundo. Não desarmamos.

E assim ficou a coisa armada.

O que nos admira é que as potencias não tivessem medo...

### China-Japão

Há dias apareceu nos jornais a noticia de que se tinham roto as negociações de paz entre a China e o Japão.

Como, quando se anunciava o termo das hostilidades, re-crudesciam sempre os combates, imaginamos que, por maioria de razão, rotas as negociações, chineses e japoneses acabassem por se estraganhar.

Qual não foi, porém o nosso espanto, quando, no dia seguinte, nem noticias da guerra do oriente apareceram na imprensa.

A avaliar por esta amostra quasi estavamos em garantir que se eles declarassem a

guerra com todos os matadores (isto é que é propriedade de linguaagem) imediatamente se calaria o canhão e uma paz eterna reinaria no oriente.

E se eles experimentassem...

**Ihiih!!!** Telegrama de Toledo anuncia que noventa por cento da população de Mentrída se encontra atacada de gripe.

Noventa por cento?

Tanta gente?

Não será isto uma espanholada?

Se calhar é mentrida.

**Goethe** Para o mez que vem celebra-se o aniversario da morte de Goethe.

A Universidade de Lisboa festeja o acontecimento com uma sessão solene.

Os jornais darão a noticia circunstanciada do facto e 90 por cento da população pensará atônita e curiosa que esta coisa de Goethe é de dar no gôto.

O que sera?

## Dr. Mario Conde



**Cirurgião nobre no nome e no sabêr. O verdadeiro diplomata da medicina nos Paizes Baixos...**

**Do estrangeiro** O que nos vale é o estrangeiro. Ele nos manda o bom cheviote, as campainhas electricas, o queijo flamengo, o Champanhe, as fitas de cinema e alguma noticiasinha para comentar, porque por cá a pobreza é franciscana.

Vá lá esta:

**RONDA, 17.** — Na residencia da viuva Paz Guardia entrou um individuo de nome Francisco Aguilera, na intenção de roubar. Ao gritos da criada, o malfetor disparou um tiro de pistola contra ela, ferindo-a numa perna. Acudia a policia, travando-se vivo tiroteio. Ficou ferido um rapazito chamado Miguel Toranzo. O malfetor foi preso, por fim, tendo a policia grande trabalho em salvá-lo das iras da multidão. — *Espectador*.

E passa-se uma coisa destas mesmo na Ronda! Então a ronda andava a dormir na forma? Mas ha melhor, porque a noticia tem qua quer coisa de paradoxal. Então a policia andou aos tiros contra o Aguilera e cortou depois a salva-lo quando a população lhe queria ir ao pelo?

Dar-se-ha o caso de serem aqueles tiros a forma mais prática que tem a policia espanhola para fazer caricias aos delinquentes?

Naturalmente a policia de Ronda é como aquele marido que indo encontrar a mulher a ser sovada por uma visinha, a primeira coisa que fez foi aplicar-lhe uma segunda sova mestra, acompanhando a sua faina das convenientes explicações:

— Toma, toma e toma que é para saberes que aqui só eu é que posso bater.

sempre  
**fixe**

**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas à razão de:

Continente e ilhas...	<b>Ano:</b>	<b>26\$00</b>
	<b>Semestre:</b>	<b>13\$00</b>
	<b>Trimestre:</b>	<b>6\$50</b>
Colonias portuguesas...	<b>Semestre:</b>	<b>15\$00</b>
	<b>Ano:</b>	<b>30\$00</b>
Estrangeiro.....	<b>Ano:</b>	<b>34\$00</b>

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

**Anuncios** Isto agora, é, por tabela.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

MUDOU o tempo e os ares mudaram também pelo Parque Mayer.

— A companhia do Maria Vitória vai ao Porto representar *O Merilhão*.

— A companhia do Maria Vitória dissolve-se e, portanto, não vai ao Porto fazer *O Merilhão*.

E como estas há muitas notícias assim todos os dias.

Afinal, em que ficamos?

Por enquanto ficamos a ver em que param as modas.

■ ■ ■

OS leitores já repararam na mania com que anda o Vasco Santana?

Primeiro foi *O Meu Menino*.

Seguidamente foi *O Filho das Ervas*, *O Pai-Mãe* e agora *A Menina do Coro*, anunciando já para breve *O Pai da Criança*.

Está provado.

O Vasco ou quer ser filho ou quer ser pai.

Se calhar, até quer ser as duas coisas.

■ ■ ■

O Politeama tem agora em cena *O Martir do Calvario*.

Não é o Luiz Pereira, com toda a certeza...

■ ■ ■

*A Estrangeirinha* finou-se. De nada lhe valeu.

Nem a carta inserta em *A Revolução*.

Onde se prova que as revoluções de nada valem...

■ ■ ■

POR causa do Armando de Vasconcelos levar ao Porto *A Erasmida*, segundo dizem, com exito, altem por cá tem feito referências menos afortunadas à peça e aos interpretes.

A esse altem já le chamam a *tranquilla... de renome*.

■ ■ ■

O teatro Apolo vai levar a cena a comédia *Quarto Azul*.

Os reclamos trazem o rótulo de que as comédias são improprias para senhoras, crianças e militares sem graduação.

Que diabo se passará no tal quarto azul para ser necessario colocar aquele aviso?

■ ■ ■

VOLTA a falar-se na *Senhora da Saude*.

Quando menos se espera, aparece a opereta sem ninguém dar por isso. Mas representada é que nunca mais a vemos.

Já é azar!

E agora, então, que, ao que nos dizem, a protagonista será desempenhada por uma actriz posta em destaque por um fonofilm.

Está mesmo a dizer quem é. E para melhor poder representar e cantar a musica da opereta, que é difficil, agarrou-se á partitura e já a empinou toda.

■ ■ ■

O Armando Machado tolera que lhe cortem tudo, menos a *engratitude* plada do Ghandi!

■ ■ ■

ESTÁ para breve uma grande reconciliação, e será publica, segundo se afirma.

O calê, requerido já nos chelara, porém, e esturna!

■ ■ ■

CHEGOU a companhia da Hortense, e vem carregada de bananas e ananazes... Assim que entrou no Parque e lhe acenaram com o Capitolio, o Pombeiro disse logo:

— Livra!...

■ ■ ■

E se experimentassem, no Capitolio, o Climaço com as *Rosas de Portugal*? Talvez desmentisse e fizesse carreira.

■ ■ ■

A Carminda Pereira lá vai até ao Brasil. Como ela é muito mo-

rena, deve fazer um grande successo.

Digam depois que a cor não tem influencia!...

■ ■ ■

CERTOS jornais conservadores empunham uma campanha contra o *Ciclone*, acusando-a de obscuro e de mais que só eles tem na peça naturalmente por não verem nada nenhuma.

Alvissamos ao Róbles Monteiro que, depois do *Ciclone*, represente *Os Crimes da Inquisição*.

Talvez eles... gostem assim!

■ ■ ■

O nosso simpatico Carlos Leal já está a fazer as malas para ir ao Brasil.

Que vá e volte depressa trazendo um papagaio para o *Floco*!

Ouviste, ó *Virosas*!

■ ■ ■

O *Ciclone* está a esgotar as lotações!

Não admira! Com aquele reclamo dos jornais catolicos!

E de graça...

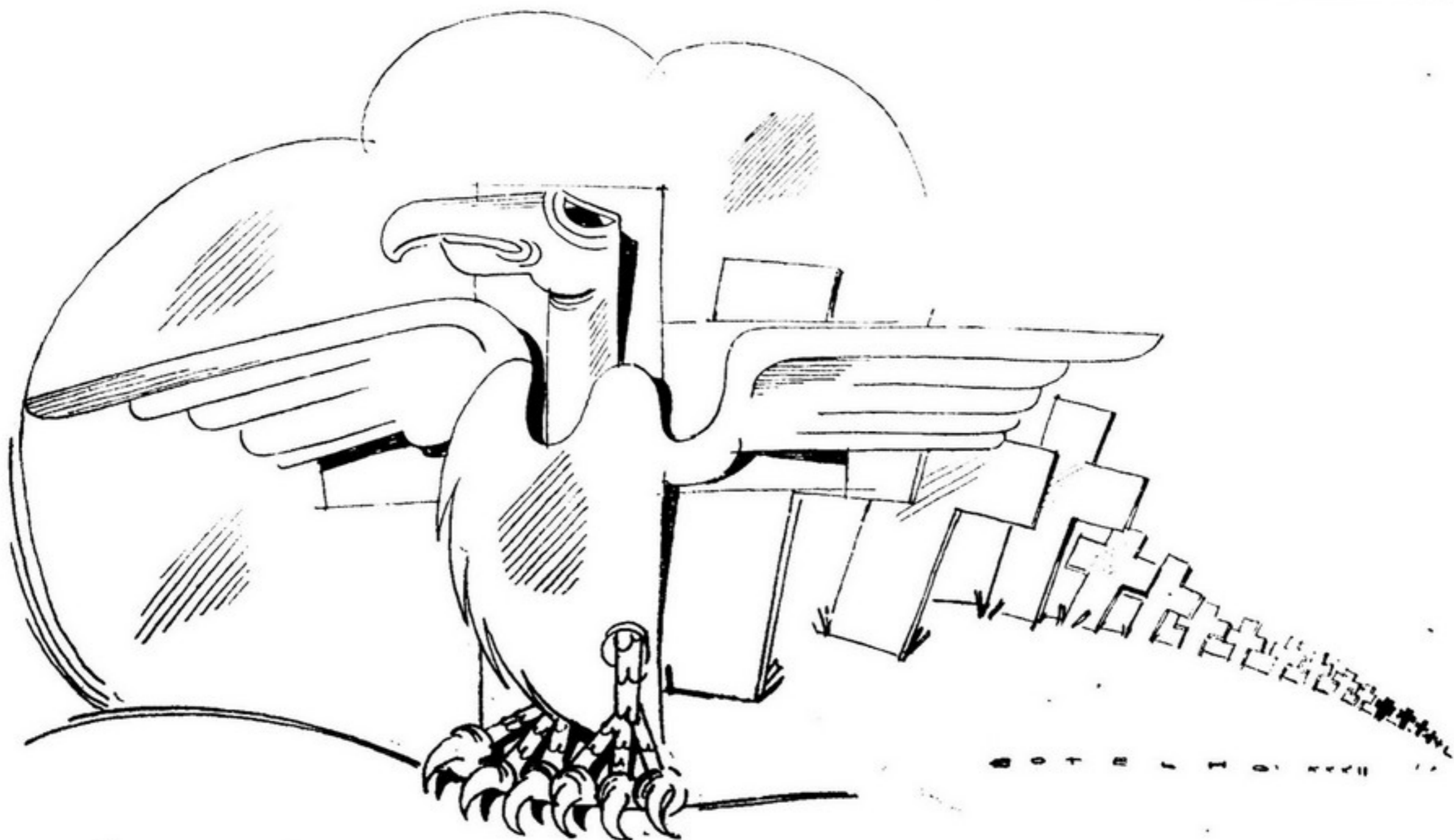
■ ■ ■

VAMOS ter o *Baiarino*.

Não devem faltar os pares.

Se contarmos com os autores, já ha, pelo menos, dois...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



O que poderia significar para a Europa o triunfo de Adolfo Hitler...

## Uma judiaria

Debaixo dum calor insuportável, dois judeus caminham dum terra para outra. Um leva as mãos a abanar, como costuma dizer-se. Em compensação, o outro leva um casaco de peles no braço, que grandemente o incomoda.

— És capaz de me emprestar cem mil reis, David?

— Não te zangues comigo, Levy: empresto mas com a condição de me dares qualquer coisa como fiador.

Então, apresentando sobre o meu casaco de peles.

Está bem.

David levou-se com mil reis. Levy aratou no casaco.

E quando chegaram ao fim da viagem, diz o David:

— Levy! Sem tens os tens com mil reis. E não me ver o casaco.



— Eu nestas coisas de aviação ainda sou apolo-gista dos balões. Têm mais conforto e além de electricidade também têm gaz!...

## Reciprocidade

O duque de Norfolk era madrugador como um passarinho. O seu grande prazer era partir de casa ao romper do dia e dar um longo passeio a cavalo — durante algumas horas.

Uma manhã, bastante surpreendido, encontrou o duque, dentro das suas propriedades, um camponês.

— Bom dia, sr. duque! — disse o homem, com ar bastante comovido. — E... que traz o sr. duque aqui a estas horas?

O sr. de Norfolk, rindo, respondeu:

— Venho procurar um pouco de grama para o alpacão. É tu, que sabo fazer nas minhas terras a uma hora destas?

O camponês hesitou um instante, mas, enchendo-se de coragem, respondeu, tirando uma libra de baixo do capote:

— Eu sei, sr. duque, que o sr. duque me pediu: venho procurar um alpacão para o meu alpacão.

# O baile dos Pintalgayas

A noite, a volta da meia noite, estava no auge do entusiasmo, e tudo girava em rodeio, ao som dum jazz de pretos, tão autenticos como a nobreza das Pintalgayas. Joaninha, a mais velha, fazia as honras da casa e dançava com as pessoas de maior consideração, rascando insensivelmente dos braços do Chico Lindoso, gerente, cor Jeronimo Pintalgaya, do Banco Continental e Insular, para os de Manoel de Lemos, filho do ministro das Finanças Soares de Lemos e uma das grandes esperanças politicas do regime — ou para os de D. Alonso del Rio, joven ministro da republica de Andorra, acreditado em Lisboa. Muito versada em literatura, Joaninha amava, sobretudo, os franceses, e sabia de cor paginas inteiras da *Garçonne* e poesias completas da condessa de Noailles. Micas Pintalgaya, a mais nova, também se consagrava profundamente à literatura; mas a sua paixão era D'Annunzio. Só Margarida Pintalgaya, a do meio, para justificar o velho adagio latino *In medio virtus* não apreciava as letras; preferia-lhes o cinema. Sabia de cor os nomes e a vida intima de todas as estrelas masculinas e femininas, da sétima arte. Tinha em o cinema magnifica de fotografia e de autografos recebidos directamente de Hollywood; e não fosse em os preconceitos da sua raça e a lembrança dos antepassados, Margarida, que além de cineasta era fotogenica, já teria feito as malas e partido para Hollywood.

Das tres irmãs era Micas Pintalgaya a que mais e melhor sentia pulsar o coração. O poeta Simeão Florencio, pelo seu talento pela sua elegancia pelo seu doce falar — Mica estava saturada de ouvir calar a sua volta — constituia para elle o tipo de marido ideal. Se Micas podia amar alguém — era o poeta Florencio, D'Annunziano como ella, cujos dedos eram estilizados como galhos góticos, e cujas unhas lembravam pétalas de rosa. Havia, assim, entre Micas Pintalgaya e Simeão Florencio, mais do que uma afinidade espiritual: havia, também, uma afinidade estetica que profundamente os ligava.

Além do que, Florencio, como poeta, não falava calão: a sua linguagem, mesmo para traduzir as coisas mais simples e os sentimentos mais futeis, era *imageé*, rica de timbres, de sonoridade e de cor. Por vezes, ouvindo falar Florencio, dir-se-hia que estavam na opera, onde, para dizer que a porta está aberta ou fechada, a garganta atinge os domínios do ublilme.

Vem, minha querida amiga, não va a alidez da noite oobrar o timbre doce da sua voz...

— Meu irmão em beleza — respondia Micas Pintalgaya — não se confurbe, cuide apenas de salvar a sua alma.

Assim falavam, brandamente, docemente, ternamente, aquecidos ao fogo interior da sua paixão, escondidos do mundo, a um canto do jardim de inverno do Tevel, quando Frederico de Macedo — amado pelas raparigas por ser um estoira-vergas que não tomava a sério nem o amor nem a vida — subitamente lhes appareceu, seguido por um numeroso grupo, para perguntar:

— O Florencio! Você, que faz versos, conhece aquela versalhada do grande poeta Julião sobre o amor moderno?

Florencio, que mais do que a propria Micas Pintalgaya ficara perturbado com o aparecimento, no seu retiro espiritual, daquele grupo de iconoclastas, respondeu com a maior calma que lhe foi possível: reunir:

— Não conheço, meu bom amigo. Mas parece-me que o illustre poeta Julião nunca tratou do amor moderno: ficou pelo seculo XVIII, fertil em aventuras galantes...

— Você é trouxa! — disse-lhe um dos do grupo. — O Frederico, recita lá a versalhada!

Frederico de Macedo, então, avançando um passo e com o rosto eloquente e sobrio dum aluno do Conservatorio, declamou: — não

sempre provavelmente ter prevenido de que se tratava dum dialogo:

*Ele*

Chico Lindoso, meu irmão,  
Tem bom gosto, bom gosto,  
Tão pul danças em pantano  
Como tem a tua linguagem.

*Ela*

Eu sei, sr. duque, que o sr. duque  
Me pediu: venho procurar um alpacão  
Para o meu alpacão.

*Ele*

Então, apresentando sobre o meu  
Casaco de peles.

*Ela*

Não preciso alpacão,  
Para andar sempre, todo o ano,  
Com a cabeça no ar.

Tomando a offensa ao eminente poeta Julião — da Academia — como se fosse feita a si proprio, Florencio tomou uma attude digna, e disse para Micas Pintalgaya, enquanto a assistencia ria a bandeiras despregadas:

— *C'est affreux, n'est-ce pas?* O illustre poeta nunca escreveria uma coisa assim!

— Escreveu, sim, senhor! — replicou-lhe, num beco, Frederico de Macedo. — Até vem na selecta do liceu. E você não me desminta, hein!

Micas Pintalgaya não podia mais. Um tal insulto à dignidade

da Poesia, na pessoa de dois grandes poetas — Florencio, poeta da Decadencia, e Julião, poeta da Academia — transcendia as suas forças; e, num momento de exaltação, esquecendo D'Annunzio, Micas Pintalgaya ergueu-se perante Frederico, pôs-se em bios dos pés, e gritou-lhe face a face:

— Olha lá, o menino. Não te faças parvo, senão levás uma tróllha quânta mais!

Momentos depois, Florencio passava sozinho no jardim, em passos lentos e graves, as mãos nos bolsos do *smoking*, procurando na noite o esquecimento e o balsamo para a cabeça aberta no seu espirito pela brutalidade de Frederico de Macedo. Fatigado, porém, o poeta sentou-se sobre um velho banco de pedra, à sombra de uma olma em flor. A lua corria no céu, pondo no Tejo cintilações dignas do manto de Salomé. Florencio absorvia a sonambula beleza da noite, o cotovelo firmado nas costas do banco, a mão dafana amparando-lhe a cabeça mediatubunda, os olhos em alvo. Assim estava o poeta, sonhando, quando Micas Pintalgaya surgiu deante dos seus olhos, magnificamente decotada.

— Meu doce poeta — disse-lhe ella, caindo-lhe nos pés, de braços abertos, a cabeça cruida para Florencio, numa agonía d'alma — meu doce poeta como eu te amo!

Florencio estremeceu, mas ficou silencioso. Micas indistiu:

— Meu querido amigo, recebe-me nos teus braços!

E Florencio silencioso, Meu sol, minha vida, dá-me o calor das tuas mãos e a sombra do teu rosto!

— Mas o poeta meditava. — Meu irmão em Beleza, penso em ti, sem interrupção, em todos os instantes da minha vida. Dessejaria ser tua, passar dias inteiros junto de ti, viver contigo... Se quizeres, seréi boa, terna, miiga... Dir-te-hei todos os meus pensamentos; seréi tua amiga e tua irmã! Tornar-me-hei perfeita, para ser digna de ti; e tu terás o orgulho de pensar que tudo quanto sou a ti o devo. Parecer-te-ha, assim, que sou mais intimamente tua, e que me amarás cada vez mais. Será então uma vida de amor como nunca se viu!

E Micas Pintalgaya deixou cair a cabeça sobre os joelhos do poeta. O seu peito arfava, na ansia de se entregar. E o poeta, até então silencioso, afagou-lhe os cabelos com os dedos estilizados e murmurou, por entre os labios vermelhos como pétalas de rosa:

— Minha espiritual irmã, infelizmente sou casado...

MYSELF.



— A torre de Belem não bombardeavam eles. Está sempre também rodeada de em fumo!



# Cacharollete O premio Nobel - Prazer o amigo tradutor

Como de ha muito me lês e o meu criterio admiras, preguntaste-me o que penso do Concurso de Mentiras, que, com o concurso amavel de encantadoras artistas, está agora organizando a Caixa dos jornalistas.

Eu bem sei que corre a fama, entre os «assíduos leitores», de que muitos jornalistas são eternos impostores, p'ra quem o canard, o boato, a pala sensacional, são tão frequentes que as dizem com o ar mais natural.

E um Concurso de Mentiras, criadas por jornalistas, poderá desenvolver impressões tão pessimistas.

Em primeiro lugar, penso que não existe razão p'ra se ter dos jornalistas tão fatal opinião. Deixemos falar quem fala, conservemo-nos serenos, que, apesar de tudo, somos ainda quem mente menos...

## O HOMEM DOS TIMBALES.

Paula da Cruz e Meireles assim se chama a duquesa de Laca e Monteverdoso, proprietaria em Reguengos e madrastra dum menino muito fino e talentoso.

Este menino prodigio, coitadinho, é tradutor das obras do Gerald, e publicou um tratado sobre a origem do chato, mas eu ainda o não li.

Vai tambem á «Brasileira», — á do Chiado, entendido, e fala só com artistas. Olho azul, bigode loiro, polainas cor de alga joven e falo cinzento, ás riscas.

E' facil reconhecê-lo: Olhos grandes cor de rola perdida num pinheiral. (Que fina imagem, não é?) Mas não o tomem por tólo nem julquem que é anormal.

Pelo contrario, ele é tudo quanto ha de mais vulgaroides; e quer que o tratem por «tu». Só tem um fraco, coitado: adora que os camaradas lhe digam: «Amelia, ú...»

LUIZ ILARIO.

Caçado pela rufista vigilante, na Travessa da Palha, embora nos seus modos elegante e virgem de navalha, lá foi levado ao Posto com intimo desgosto duma tal Pepa, que era sua amante... Dentro da esquadra é logo interrogado: — «Como te chamas?» — Chico Coga-esquina» —

«E' nome apropriado, mas eu quero o teu nome de familia!» — «So sei que minha mãe era Virgília e morreu pequenina...» — «Quantos anos de idade?» — «Oh senhora! se eu não sei quando nasci, como quer em verdade que eu saiba quantos anos já vivi?» — «E profissão? E emprego?» — «Saiba vocenota que desempregado...» — «Bom, mas antes de estar no desemprego, qual era o teu mister nobre e honrado?» — «Tambem desempregado, infelizmente...» — «E antes disso? Confessa francamente.» — «Antes disso, tambem!...» — «Tambem desempregado?!... Sem ofensa, és, pois, desempregado... de nascença?» — «Perfeitamente bem! E oxalá que por sorte ou continue assim até á morte!...»

ANTONIO AMARGO.

Março do ano de literatura de mil novecentos e trinta e dois. Estamos na *Secção de Expediente* da Academia Feminina de Ciências. E' grande a concorrência de escritores ao *Premio Nobel-Prazer*. Até ali foi recebido um original escrito em papel manteiga — naturalmente para dar manteiga ao juri, do qual fazem parte D. Barjona, D. Mercedes, D. Virginia, D. Ana, D. Irene, D. Luzia e D. Beatriz, mulheres *imortais* que têm resistido *ferrocemente* á *valentia* dos homens superiores, tais como Young, Wellington, Shakespeare, Dumas, Scott, Franklin, Bonaparte, Tolstoi e Buffon, Féde, mas acaba bem, a pleiade destes génios que, sendo grandes, foram domados pelas filhas de Eva!

11 horas. Abre-se a *Secção de Expediente* — e para expediente não ha nada como as mulheres. Surge a primeira concorrente. A D. Alzira dos Anzóis, que se encontra com o pseudonimo *Não te Rales*.

A *secretária*: — Traz algumas boas referencias do seu ultimo editor?

A *concorrente*: — Não, minha senhora.

— Porque se fez editora da sua obra?

— Porque os livreiros torciam-me sempre o nariz.

— Deverás?! E então porquê?

— Saberá a senhora que eles verificaram que o meu verso tinha picante!...

— Como se intitula o livro?

— *Fogo da Carne*.

— Está bem. Pode seguir.

E lá foi a poetisa com o fogo do palpito em apanhar a *grande do Nobel-Prazer*.

A *secretária*: — Outra senhora.

— Cá estou. Sou a *Plagia* de Móra.

— E' nome ou pseudonimo?

— E' nome, que se oculta pelo de *Génio Creador*. Se não lhe des-se maçada, nem ás minhas confrades, eu lia-lhes o 1.º conto do meu livro *Surripados*.

A *secretária*: — Eu pergunto ás interessadas.

O *exercito feminino*: — Se fôr pequeno!

A *concorrente*: — E', é um pequeno cá da *Plagia*. E passou a lér a produção:

«O abade de uma freguesia costumava fazer a sua pratica aos domingos, reprechendo os costumes do povo conforme lhes dava jeito. De uma vez disse: — «Eu sei que cá na freguesia anda o costume de obedecerem os homens

às mulheres, isto é, vivem como em casa do Gonçalo, onde a galinha pode mais que o galo. Ora eu tive este ano muitas nozes no meu passal e aqui declaro que dou um sacco cheio delas ao homem que me mostrar que não anda de joelhos á frente da mulher.»

A 3.ª concorrente: — Mas, isto é plagiado.

A 4.ª concorrente: — Tambem me parece; esta coisa de andar o homem de joelhos á frente da mulher não é original.

As restantes concorrentes: — Adeante, adeante, confrade.

A *Plagia*, dando estalinhos com a boca e prevendo o escandalo, que é garantia de exito literario, prosseguiu na leitura:

«Estava na lereja um homem casado que era muito ralhão e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguém abria bico deante dele: disse para um que estava á sua beira:

— Nozes já eu tenho, e é que ninguém m'as tira.

Chegado ao fim da missa, apresentou-se em casa do abade.

— Aqui estou senhor. Não ha ninguém aí na freguesia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a do Gonçalo.

— Eu bem sei o teu viver. Vem cá encher o sacco de nozes.

O homem entrou e puxou dum pequeno sacco.

— Oh! Santo Deus! Não tinhas lá outro sacco maior.

— Tinha... tinha.

— E porque o não trouxeste?

— A minha mulher obrigou-me a trazer este!

— Ah! grande velhaco! Despejame já o sacco das nozes, que não levas daqui nada...»

A *secretária* (atalhando): — Basta! A *Génio Creador* é que não leva daqui nada... Isso é tudo *Plagia*.

*Plagia* (sem se desmanchar): — Pois é. E' do meu marido!...

E lá foi ela para o olho da rua, ante os risos e ditinhos mordazes das aspirantes ao premio.

Mais de 50 concorrentes apresentaram os seus trabalhos em prosa e em verso — prosa sensual e verso requadrado.

O juri vai decidir. Ao que parece, ele inclina-se para a obra *O que o primo fez á prima na noite nupcial*. A divisa da autora é: *Quem me acode!*

Achamos bem. O *Premio Nobel-Prazer* está para a *noite nupcial* assim como a prima está para o *Romeu e Julieta*. Livra!...

IVINHO.



— Aqui onde você as vê, estas garrafas tem 50 anos!  
— Acho-as pequenas para a idade

Com aquela mania de saber todas as linguas, o Prudencio Venancio já por algumas vezes que ia ficando mal. Sempre que podia, o Prudencio gostava de mostrar perante os amigos o que sabia acerca de idiomas. Quasi sempre acabava por ficar mal, porque os dotes linguisticos que possuia eram nulos. Mas no entanto, o Prudencio continuava sempre com a pretensão de ser sapiente e, como era esperto e inteligente, com uma habilidade rara, defendia-se sempre das asneiras que fazia e com duas aldrabices acabava quasi sempre por sair limpo dos sarilhos em que se metia.

Sempre que via um turco, um espanhol, um francês, um inglês, um suco, um brasileiro, ou qualquer outro estrangeiro, o nosso Prudencio chegava-se logo á fala e aí estava ele a dizer toda a casta de bobagens que lhe chegava aos labios.

\*\*\*

Ora, ainda ha poucos dias, o Prudencio se meteu de novo a falar com gente estrangeira. Desta vez foi com um chinês que por aí vende perolas. O pobre do chinês chegou-se junto a nós e pretendeu impuzir-nos varias bugangas. Eu, para gosar o Prudencio, disse-lhe:

— Olha, interroga o chinês sobre a guerra sino-japonesa.

O Prudencio não vacilou um segundo. Abeirou-se do chinês e sem mais nem menos perguntou-lhe:

— Tom-pom-chon-la-mim. Fó-kehim-kai-pó-lari-lolé. Pin-tin-laró-laró. Pananico narango, có-chim!

O chinês, ao ouvir aquilo, não pestanejou e respondeu imediatamente:

— Chan-Pai...

Voltei-me para o Prudencio e, desejando saber o que lhe tinha dito o chinês, perguntei-lhe:

— O que foi que te disse o chinês?

— Ora, — respondeu o Prudencio — disse-me que aquilo agora, por Changai, vai melhor, que já se chegou a um acôrdo, que os japoneses já recuaram vinte quilometros, que os chineses tambem já recuaram trinta quilometros, que as nações não se metem no conflito...

— Isso tudo? — disse eu, admirado.

— E mais, disse muito, mais. Mas ouve o resto. Tambem disse que não deverá haver nova guerra, que a China deseja a paz, que a S. D. N. muito contribuirá para o termo do conflito, que o Japão, no na, e que a Inglaterra espera levar a bom termo todas as suas fim, o que deseja é proteger a *Chidémarches* para a solução.

Fiquei admirado e, por curiosidade, disse ainda ao Prudencio:

— Olha, pergunta-lhe agora sobre se está satisfeito cá em Portugal.

E o Prudencio lépido engatou a linguagem chinesa.

— Pim-pó-kó-kó-ró-kó-Tatá-mi-mi, Pitó-Pim-Tehim.

E o chinês, respondendo: — Tin-lin, Bai-kai-rai-mai, Pim-kalai, mariolai-Sim-pum-chung, Nan-plu-tchin.

— O que foi que ele disse? — perguntei, interessado.

— Que sim, que está bem.

MANOEL DUQUE.

Quereis dinheiro?

Jogal no

*Gama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



# ECOS DA SEMANA

— QUE INFELIZ QUE EU SOU! A TODOS DÃO ESMOLA, E A MIM NÃO ME DÃO NEM A ESMOLA DE UM CARINHO



TEM PICOS A SERRA DA ESTRELA PARA GALGAR... OU PRECISA DE ESTRADAS MAIS LARGAS OU DE AUTOMOVEIS MAIS ESTREITOS



A PRIMEIRA NÃO SE LEMBRANDO DOS SUOS ERROS E CONSIDERANDO A SI MESMO COMO "O GURU", COM TUDO O QUE TEM DE TROTTES, SISTEMA "COCORAS"

A VELOCIDADE DO SÉCULO XX

BAIRRO MODERNO "DOUTOR JOSÉ DE ARRUFLA"



PARABENS! NOVOS COMBOIOS VÃO RODANDO... MAS NÃO RODAVAM DE TURBINAS, NO RÓDAN... RODAVAM



SEGUNDA PARECE HITLER VAI QUEIMAR AS ÚLTIMAS MEDAS DE ANTIFÉLIX...



E CHEGOU A PRIMAVERA SEM CARA DE PASCOA E A PASCOA SEM CARA DE PRIMAVERA



APOIADO ESTUDANTES DE MEDICINA RISQUEMOS A CARROÇA DE MÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE ORGEMEM NÃO É BÉSTA!

